

## **Ao matarmos o aluno, matamos também a escola.**

*Alguém aprende por acaso sem o erro? Por uma escola da criatividade e da invenção.  
Professor Doutor Max Haetinger*

*“A modernização do mundo nos últimos 30 anos superou as mudanças ocorridas ao longo dos milênios. A Revolução da informação e o fenômeno da globalização tornaram-nos, realmente, “índios” da mesma aldeia global. Nossos alunos têm um volume cada vez maior de informações à sua disposição, através da televisão, e nessa realidade, o professor muitas vezes não tem tempo para acompanhar esse rápido desenvolvimento. Em alguns momentos, corre-se o risco de estar falando outra língua na sala de aula.”(HAETINGER, 1998)”.*

A educação sofre nos últimos trinta anos sua fase mais **efervescente**, são muitas pessoas produzindo e compartilhando saberes, tentando ajudar na construção de uma nova escola que possa estar mais perto dos alunos, das famílias e da sociedade.

Estamos aprendendo muito, novas formas de trabalhar em sala de aula, de maneira cooperativa e colaborativa, porém algumas angústias permanecem com o tempo e são comuns aos educadores de muitos lugares do mundo, como verificamos nos textos deste nosso livro.

Uma pergunta que sempre me vêm à mente quando penso em educação para jovens é: Como dar sentido a escola para jovens de 12 a 18 anos, os chamados **adolescentes**?

Alguns colegas já desistiram de tentar entender estes meninos e rotulam estes jovens de geração sem jeito, sem valores, sem limites e sem ética. Renato Russo definiu em sua música como “geração Coca-cola”; e muitos por aí os chamam de “Aborrescentes”. Ao olhar o jovem desta forma, parece que a sociedade que eles irão coordenar no futuro será um caos total, e sabemos que não é bem assim. Afinal quando perdemos a **esperança** perdemos a maior arma de um educador: a crença no ato de educar/aprender, que sempre é um ato de mudança social e pessoal, pois sabemos que as **diferenças** devem servir para nos aproximar.

*Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. .”.*

*A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar de quem olha. (BOFF, 1997) ““.*

O século 21 nos trouxe uma nova geração na forma de fazer, de ser, e de estimular atitudes e ações e nós educadores devemos entender, conviver e compartilhar, aprender e ter experiências com estes jovens para compreender de verdade como eles pensam e são.

O que mais me espanta no cenário da educação para os adolescentes é a falta de leitura da escola para os desejos e ansiedades destes jovens. Parece que estamos cegos frente à expressão, anseios e necessidades destes alunos, falamos de conteúdos

descontextualizados da vida destes jovens e queremos que eles “comprem isto tudo” sem revolta sem desespero, sem apatia, sem depressão.

Trabalhando em projetos de educação popular certa vez um jovem de uma comunidade carente, morador de uma dessas muitas favelas do Brasil me disse:

“Professor! Se engana quem pensa que somos maus por nos ver fazendo loucuras na rua, usando drogas, sendo violentos, entrando para o crime... por incrível que pareça professor, o mesmo menino que segura uma arma, que bate, que fuma; também joga capoeira e participa da oficina de teatro da comunidade. E o que nos faz viver nestes dois mundos professor, **é porque nos sentimos perdidos.**”

*“A nossa cultura pode até doer nos seus ouvidos, mas a sua dói na nossa alma, no nosso bolso.” A **CULTURA DOS VACILOS** (Sérgio Vaz).  
<http://dirua.blog.uol.com.br/>*

Perdidos Sim! Em uma sociedade que nega a eles oportunidade, que imprime uma vida de moda e consumo, aumentando assim a exclusão, a falta de perspectiva, e retirando do jovem a sua crença de futuro.

Por vezes sem conta me pergunto:

- Para que serve a escola? A quem serve a escola? Afinal qual o sentido disto tudo?

Sem duvida a escola foi criada para que pudéssemos aprender!

Esta aprendizagem é que leva o homem a evoluir, e para que pudéssemos perpetuar nossas evoluções, ensinávamos aos mais novos o que tínhamos aprendido durante nossa historia e a historia daquele que nos precederam. Assim foi com o fogo, a roda, o plantio de culturas agriculas e rapidamente os seres estabeleceram a aprendizagem pelo exemplo - “vejo, logo aprendo” - até chegarmos na escola e as duvidas (acima) que nos cercam a uma centenas de anos.

Durante todos estes processos de aprendizagem implantados na escola ao longo do tempo, e foram muitas as práxis, uma coisa é comum educar é um ato dialético: erro e acerto, negação e afirmação, mudança e condicionamento ,construção e reconstrução, socialização e individualismo, são questões que permeiam qualquer aprendizagem e devem estar presentes na sala de aula.

Mas quero agora voltar minha atenção ao que nos propomos nesse livro que é pensar sobre o “erro”; já que muitas vezes ele é utilizado como forma de opressão cultural na escola e em outras instituições de nossas vidas.

Para tanto, me debruço no primeiro aspecto que penso ser a base para todos os outros. Engana-se o educador que pensa que a educação não começa pelo erro, o erro na educação pode ser chamado de tentativa, ou mesmo experiência. O erro é talvez o maior construtor do cientista, é no erro que busco na escola entender a realidade e a complexidade de qualquer acerto.

Ao trabalhar com meu aluno a idéia de que o erro faz parte integrante e construtora do processo de aprender, o educando dá margem a sua imaginação de forma mais tranqüila e menos condicionada, e passa a entender a necessidade de pensar , ouvir , imaginar e por fim **criar**.

O problema é que alguns de nós, ansiosos por ensinar, pulamos a fase da descoberta do educando, e esperamos que os alunos tenham sempre respostas certas “na

ponta da língua”, estimulamos apenas o certo, pensado ou decorado, construído ou plagiado. É a velha mania de rotularmos alunos e performances.

Ao desvalorizarmos o erro, as respostas tidas para nós como absurdas, privamos do pensar científico bem mais que apenas o aluno que “errou”, desestimulamos toda uma classe de educandos a pensar diferente, a produzir o novo, a imaginar, tomar decisões, a ter iniciativa. Ou pensamos que estas coisas se constroem somente com acertos ?

Vezes sem conta alunos adolescentes como a menina de nossa historia me abordaram na sala de aula com o medo de errar, experimentar, tomar decisões. Esta busca deveria começar a ser sanada pela escola nas classes iniciais com alunos trabalhando sua imaginação e criatividade, através do lúdico e dos jogos.

Não há duvida de que a escola se esconde de entender este jovem de forma plural e completa, pois ele não é, de fato, incluído no planejamento e na avaliação escolar. Temos hoje a educação centrada no vestibular e esquecemos de desenvolver inteligências e sonhos. Transformamos adolescentes em “aburrecentes” e depois não queremos que eles se tornem “efervescentes” ou “alienadocentes” e a escola chama isto de violência, apatia , ou falta de limites, será?

Há muitas escolas que não passam de jacarés. Devoram as crianças em nome do rigor, do ensino apertado, da boa base, do preparo para o vestibular. É com essa propaganda que elas convencem os pais e cobram mais caro... Mas, e a infância? E o dia que não se repetirá nunca mais?  
(ALVES, 2003, pp.59-60)

Voltando a historia em quadrinhos, penso na afirmação do professor:

“-Como você espera ser alguém na vida desse jeito?”

Destaco aqui um, entre muitos, exemplos que desmentem isto: o famoso Thomas Edson, inventor da lâmpada elétrica (1879), quando questionada à respeito da facilidade de inventar a lâmpada respondeu que a lâmpada foi fácil, difícil foi inventar as 2000 formas de não fazer uma lâmpada, que foram as vezes que ele errou antes de chegar ao sucesso.

Certamente na escola da nossa historia, ele seria chamado de inútil, incapaz e estaríamos até hoje escrevendo a luz de velas. E poderíamos citar outros tantos gênios da ciência ou das artes que descrevem em suas biografias os seus processos de aprendizagem através de seus erros e de suas descobertas . A ciência, a tecnologia, a arte e a filosofia se alimentam disto, das experiências, dos erros, são as únicas formas conhecidas de se chegar aos acertos, na verdade na busca pelo acerto passamos e determinamos nossos limites pelos nossos erros.

Quando observamos a jovem da historia querendo “se matar”, o erro torna-se de degrau da escada da aprendizagem, em abismo social para o aluno, ao invés de aproveitarmos o erro para todos crescerem e buscarem idéias inovadoras , determinamos que o erro é absoluto, coisa dos fracassados, que ele é feio! (Eu e o Luca somos feios e estamos na escola).

Outro aspecto interessante para educação sobre o erro é o caráter cultural, que existe revestido dentro dele, como destaque no inicio de nosso texto, demonstrando ainda mais que mesmo o erro nunca é absoluto e que em muitas culturas o que nos parece um

erro pode ser um grande acerto. Leonardo Boff nos lembra disto quando afirma em seu livro a águia e a Galinha que “todo o ponto de vista é a vista de um ponto”. E sempre que olhamos para algo carregamos toda nossa bagagem genética/existencial/cultural e interpretamos o fato, relemos. Não existe olhar isento como não existe erro absoluto. Porque o erro pode ser uma visão restrita a um determinado lugar ou cultura.

Aqui no Brasil não concebemos o fato de alguém criar lindos cachorros para serem servidos no almoço ou jantar; mas se formos à China teremos a carne de cachorro como uma iguaria de sabor incomparável. Ao mesmo tempo em que, se oferecermos a um indiano um fantástico e succulento churrasco o mesmo poderá se sentir ofendido e agredido em sua cultura; pois para eles a vaca é um animal sagrado.

“Uma educação multicultural, criativa e inclusiva, no sentido de incluir na pauta as diferenças, o contato, o diálogo, a interação com as diferenças, coloca a própria escola num lugar de questionamento quanto ao seu papel, seu sentido, seu significado”.

Azoilda Loretto da Trindade \*<sup>1</sup>

Portanto a escola de nossa menina não só esta fechada em si mesmo, como centrada nos olhares de seus professores, cerrada para o mundo e impermeável culturalmente. Com certeza com todas estas qualidades podemos chamar este lugar de muitas coisas, menos de escola. Olhando assim na verdade parece mais um presídio.

A jovem de nossa historia representa os jovens de muitas escolas, onde só o acerto é aceitável e a experiência do aluno não é valorizada. A historia demonstra também as conseqüências das políticas educacionais afastadas das comunidades, gerando práxis educativas atrasadas e sem recursos, alunos sem auto imagem e auto estima, pouca participação, com medo de criar, apavorados por inovar, tendo que repetir excessivamente os conceitos teóricos, as pesquisas e sem espaço para descobertas pessoais. Em síntese, a historia afirma que ao matarmos a menina matamos a razão de existir da escola, que é ensinar a pensar.

O professor da nossa historia também representa bem as classes pelo mundo afora, desvaloriza o erro e dele não constrói nada, apenas constrói o fracasso, primeiro do aluno, depois da escola, por fim da sociedade

Mas como atuar nesse contexto? Como conseguir o tempo e a reciclagem necessários para poder acompanhar essa mudança cultural? Como manter o papel de educador e a sintonia com o mundo presente?

“Seria preciso ensinar princípios de estratégias que permitiriam enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza, e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo. **É preciso aprender a navegar um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza.**” MORIN, Edgar (Ano e página).

Certamente o papel do educador está mudando perante essas evoluções apresentadas todos os dias. Este desafio é descrito por vários educadores como um

---

<sup>1</sup> <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/mee/meetxt5.htm> pesquisado dia 15.03.2007

processo de evolução permanente e constante, com o qual aprendemos vivenciando e convivendo. Este novo educador tem como tarefa principal OUVIR. Vários autores citam isto como a grande revolução no papel do professor, capaz de torná-lo um agente de transformação, comprometido com a evolução social e cultural, inserido na cultura de seus alunos, promovendo o criar e a expressão.

Esse novo papel passa tanto pelas ações individuais, quanto por ações das instituições em que esses educadores estão inseridos. Com certeza, é preciso entender que, a partir de agora, o aprender (antes cíclico e normalmente determinado por momentos muito marcados e, às vezes, com intervalos enormes entre uma aprendizagem e outra) torna-se constante. Ou seja, a partir de agora, é preciso aprender sempre, o tempo todo. Aprender com todas as coisas e pessoas, deixar de pensar que se é dono do saber e aprender com uma criança, com um motorista de ônibus, com um engenheiro ou gari.

“A educação para a cidadania requer que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais.” PCNs - Temas Transversais 1998.

Por isto acredito em uma educação lúdica, através do jogo e da expressão dos alunos, a partir de suas experiências e sensações, uma educação onde pesquisar, buscar, criar, pensar, errar e acertar sejam parte do grande processo chamado ensino/aprendizagem, com o foco sempre no olhar de quem aprende, promovendo uma relação de conhecimento, afeto, descobertas motoras e culturais.

E o lúdico dentro da escola, se apresenta principalmente através das artes e suas expressões. Uma coisa interessante é que as artes trazem dentro delas o mundo dinâmico das emoções humanas e de nossa cultura. Como nas palavras da poeta :

### **Arte?! - Daniela Haetinger**

*Seja arte casual espontânea*

*Seja arte muito estudada já nascida arte*

*Seja arte do momento da vanguarda na contramão*

*Seja arte de respeitar o indivíduo de viver em cooperação*

*Seja arte cultivada pela tradição de grana e casaca ou pelado pé no chão*

*Seja arte-diversão arte-região arte-educação arte-ganha-pão*

*Seja arte-obra beleza ou prazer de um trabalho bem-feito*

*Seja arte de engenheiro manobrista bailarino, arte de limpar chão*

*Seja arte de ateliê de casebre escritório campo viaduto conceição*

*Seja arte de qualquer material de lixo ou quinto elemento*

*Seja arte de escola de rua de museu de computador de associação de televisão*

*Arte que faço mostra sentimento forma opinião e espanta solidão.*

Por trazer além do conteúdo, o sentimento e a forma, trabalhar as expressões culturais e em especial, as manifestações artísticas, transforma a escola e os alunos em “agentes do conhecimento” e não apenas assistem passivo a aula, e sem dúvida esta postura ativa frente ao fazer escolar é fundamental para a escola hoje.

Outro fator importante da utilização de técnicas artísticas em sala de aula é que elas promovem a criatividade, a expressão, a troca de experiências ou seja a relação cultural entre as múltiplas realidades que envolvem os atores da sala de aula.

O trabalho com manifestações artísticas na sala de aula e a expressão livre dos alunos propicia o desenvolvimento da autoria, capacidade de tomada de decisões e iniciativa.

Não é tudo isto que esperamos da escola! Com certeza que é!

Quando transformamos nossa escola numa usina de cultura, arte, expressão, autonomia e educação, da matemática ao inglês nossas salas ganham asas e expandem-se além das paredes, fazendo dos alunos agentes e de todo mundo... GENTE!

Beijos e paz